

# FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 1

Ano 1994



# *Fé* *para* *Hoje*

***Fé para Hoje*** é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

***Fé para Hoje*** é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

**Editora Fiel**  
**Caixa Postal 1601**  
**12233-300 - São José dos Campos, SP**

[www.editorafiel.com.br](http://www.editorafiel.com.br)

# Conteúdo

Pela Fé Que Foi Entregue aos Santos .....	1
<i>Gilson Carlos de S. Santos</i>	
O Perfeito Equilíbrio da Verdade .....	9
<i>Geoffrey Thomas</i>	
O Supremo Dever do Pastor .....	13
<i>Thomas Ascol</i>	
Precisamos Novamente de Homens de Deus.....	19
<i>A. W. Tozer</i>	
Implicações do Livre-arbítrio .....	20
<i>Charles H. Spurgeon</i>	
Quanto ao Vir a Cristo.....	21
<i>Ernest Reisinger</i>	
Outro Evangelho .....	27
<i>A. W. Pink</i>	
Sansão e a Sedução da Cultura .....	28
<i>Roger Ellsworth</i>	
A Conferência Fiel - 1998 .....	32
<i>Franklin Ferreira</i>	

# Pela Fé Que Foi Entregue aos Santos

Gilson Carlos de S. Santos

*“...senti a necessidade de vos escrever, exortando-vos a pelejar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos” (Jd 3).*

Uma das palavras mais frequentes na Bíblia é “fé”. Conceito chave, esta palavra descreve um ato que passa pela inteligência e pela vontade. Na Bíblia, fé significa confiança absoluta em tudo que Deus tem revelado; a confiança que possuímos no testemunho que Deus manifesta acerca de Si mesmo. Às vezes, esta palavra aparece para descrever o exercício da fé por parte do homem espiritual, a crença ativa, a dependência de Deus. Outras vezes, para descrever o *objeto* da fé, aquilo em que alguém crê, o sistema de princípios religiosos (como é o caso do cristianismo), o anúncio doutrinário na forma de um credo.

*“Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente e fortalecei-vos...” (1 Co 16.13 - ARC).*

*“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro” (Cl 1.23 - ARC).*

*“Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 3 - ARC).*

*“E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé” (At 6.7).*

Há algumas perguntas que nos ajudam a avaliar nossa fé. Neste editorial propomos três perguntas através das quais podemos fazer uma radiografia dela. São perguntas importantes e reveladoras.

## 1. Em Que Você Crê?

O conteúdo da nossa fé é fundamental. Aquilo em que você crê constitui aquilo que você é. E só a verdade é digna de ser crida. Alguém já disse que “a piedade é filha da verdade, e precisa ser alimentada... não com outro leite que não seja o de sua mãe”. John Owen afirmou que “somente a verdade capacita a alma a dar glória a Deus”. Hoje em dia ouvimos expressões tais como: “Não importa o que você crê, conquanto seja sincero”; “Todos os caminhos levam a Deus”, etc. Ao que nos parece, esta será a religião do século 21. Isto, contudo, é uma grande falácia. Aquilo que você crê constitui o alicerce da sua vida. Aquele que crê mal não pode viver bem, pois não tem alicerces.

Nossa fé requer um conteúdo. Fé sem conteúdo não é a fé bíblica: é misticismo ou superstição. E o conteúdo sólido para alicerçarmos nossa vida tem de ser a verdade. Permaneça fiel às suas convicções, mas assegure-se de que elas são verdadeiras. Jesus disse: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (Jo 8.32). Somente a verdade liberta e consola. Nossa liberdade consiste em sermos cativos da verdade. Um filósofo dinamarquês disse que, “para ser forte, preciso descobrir a verdade, pela qual eu possa viver e morrer”.

### *Aquilo que você crê constitui aquilo que você é.*

Vivemos tempos em que as pessoas estão à procura de mestres que lhes agradem. Líderes e movimentos religiosos, inclusive no meio evangélico, têm, como premissa essencial de sua prática e base de sua agenda, o pensamento corrente, os conhecimentos da psicologia e as tendências culturais. Surgem doutrinas que agradam multidões e pregoeiros que mais se parecem com aqueles animadores de programas de auditório. Entretanto, a questão não é se uma doutrina é bela, atraente, impressionante ou popular, mas se é verdadeira. O bispo de Hipona escreveu: “Se você crê somente no que gosta do evangelho e rejeita o que não gosta, não é no evangelho que você crê, mas em si mesmo”. E o reformador Lutero adverte-nos: “qualquer ensinamento que não se enquadre nas Escrituras deve ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias”. No fim, a verdade triunfará. A verdade é sempre forte, não importa quão fraca pareça; e a falsidade é sempre fraca, não importa quão forte pareça.

Por nós Jesus orou. Ele pediu ao Pai: “*Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade*” (Jo 17.17).

## 2. Como Você Crê?

A *forma* e a *intensidade* da fé têm grande importância. A fé é algo que se desenvolve mediante o uso. Ela precisa ser desenvolvida. Assim, a fé pode aumentar e ser fortalecida. Há níveis variados de fé, pois há níveis variados de desenvolvimento da alma. Por isso, fazem sentido expressões bíblicas tais como: “*Homens de pouca fé*”; “*Geração incrédula*”; “*Fé do tamanho de um grão de mostarda*”; “*Mulher, grande é a tua fé*”; “*Nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé*”. Dos pedidos que os discípulos fizeram ao Mestre Jesus Cristo, dois se destacam. O primeiro é “*ensina-nos a orar*”; e o segundo, “*aumenta-nos a fé*”.

Esta questão da forma e da intensidade da fé pode ser percebida de maneira bem nítida nas palavras de Jesus dirigidas a Tomé, no segundo domingo após a ressurreição. Como sabemos, Tomé esteve ausente na reunião do primeiro domingo (o que já constitui um ponto negativo) e não creu na notícia de que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos. Após haver contemplado o Senhor, colocado o dedo nas feridas dos cravos em suas mãos e apalpado as chagas do seu lado, Tomé creu. E disse-lhe Jesus: “*Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29).

De fato, a fé bíblica é a confiança que temos no testemunho que Deus manifesta acerca de Si mesmo. Ao crente basta a Palavra de Deus. Deus falou a Abraão, e este creu. Lamentavelmente, vivemos um tempo em que a geração incrédula e adúltera pede e busca sinais a fim de crer.

Escrevendo sobre questões relacionadas à esfera da liberdade cristã, o apóstolo Paulo disse aos romanos: “*Mas aquele que tem dúvidas, se come está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado*” (Rm 14.23 - ARC). A nossa fraqueza nasce de nossa falta de convicções arraigadas. Precisamos de homens com fé inabalável na Palavra do Senhor, com coragem para tomar posição em sua proclamação e defesa e com disposição e tenacidade para assumir os custos de tal decisão. Afinal, uma bigorna não tem medo dos martelos, e, como alguém já disse, “razões fortes levam a decisões enérgicas”.

Walt Disney criou um personagem que ele entendeu representar bem o Brasil. Foi o *Zé Carioca*. Um papagaio que caracteriza o carioca típico dos morros da cidade do Rio. De fato, o papagaio é uma ave bem brasileira. A singularidade dessa ave é que, por via de regra, imita bem a voz humana. Todavia, é um mero repetidor do que ouve constantemente. Também, em religião, os “papagaios” proliferam em nosso país. Estes repetem idéias que têm ouvido desde o berço ou práticas e doutrinas da

moda, sem jamais terem chegado a uma experiência pessoal com Deus. Quando Pilatos interpelou Jesus, com as palavras “*És tu o rei dos judeus?*”, Jesus respondeu ao governador, fazendo outra pergunta: “*Dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim?*” Eocar o que se ouve, sem uma fixação pessoal, é tornar-se um papagaio.

Este é um sintoma alarmante de nossa época: muita gente “ecoando” um cristianismo que não passou da gravação, na memória, de algumas respostas do catecismo e alguns textos ou referências da Bíblia. Fé viva na Palavra e vivência com Deus nunca foram experimentadas por tais pessoas. E, quando chegam as horas difíceis, em que a vida espiritual tem de passar por uma prova de fogo, a “religião de segunda mão” não oferece o apoio de que precisa o “religioso”, que entra em pane e atola. Necessitamos de uma geração de homens “religiosos de primeira mão”, que falem ou cantem o que afirma o Salmo 23: “*O Senhor é o meu pastor...*” Como você crê? Como andam as suas convicções?

O conhecimento da verdade deve nos levar à convicção da verdade. Jesus lançou a seguinte pergunta ao povo, acerca de João Batista: “*Que fostes ver no deserto? Uma cana agitado pelo vento? ... Mas, então que fostes ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta*” (Mt 11.7-9 - ARC). É terrível quando ouvimos a respeito de alguém: “Ele nunca tem opinião própria; costuma adotar a que estiver em voga”. Eis aí um caniço agitado pelo vento. O profeta do Senhor não é aquele que se orienta pelo catavento da opinião pública, mas pela bússola da convicção bíblica. O nosso mundo é rico em ilusões, e, por vezes, nos deixamos iludir por ele. Somos tentados a preferir o caminho fácil e seguir o curso da multidão. Porém, aqueles que têm por filosofia de vida acompanhar as multidões freqüentemente se perdem no meio delas. Spurgeon um dia concluiu sobre a insanidade de alguém se guiar pela popularidade e disse: “Já faz muito tempo que parei de contar cabeças. Geralmente a verdade está com a minoria neste mundo mau”.

O mundo carece de homens que crêem naquilo que pregam. Nos tempos da bastilha francesa, Mirabeu falou de Robespierre, quando este fazia um discurso: “Este homem vai longe; ele acredita naquilo que diz!” É lamentável dizer, mas há muitos de nossos pregadores e teólogos que simplesmente não crêem naquilo que pregam. Se crêem, a forma como pregam parece negar-lhes a eficácia de sua fé.

### 3. O Que Você Faz Com O Que Você Crê?

O que fazemos com a fé é muito importante. Se algo é digno de ser crido, é digno de ser vivido. De fato, a fé bíblica implica em obediência.

A fé bíblica traduz-se em discipulado. Não crê aquele que não vive consoante à sua crença. “Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2.17). Um pressuposto da pregação da Palavra de Deus é que o propósito subjacente a toda doutrina é garantir a ação moral. Aprendemos por simples verificação semântica que teologia é conhecimento de Deus. Sua teologia consiste naquilo que você é quando pára de falar e começa a agir. Deus quando nos instrui a mente, Ele o faz para transformar a vida. Aliás, este é o alvo do ensino, e a lei do processo de aprendizagem estabelece que o aluno deve reproduzir, em si próprio, a verdade aprendida. E vivendo a verdade, nossas próprias vidas se tornam verdadeiras. Nós nos tornamos o que devemos ser.

## **Precisamos de homens com fé inabalável na Palavra do Senhor, com coragem para tomar posição em sua proclamação e defesa, com disposição e tenacidade para assumir os custos de tal decisão.**

Uma fé digna de ser crida é digna de ser proclamada. Novamente recorro a Spurgeon, que disse: “Os homens, para serem verdadeiramente ganhos, precisam ser ganhos pela verdade”. Hoje a teologia é vista como reflexões dos ambientes eruditos, aprisionada nos recintos acadêmicos dos seminários. Faz-se uma grande dissociação entre o conteúdo dos compêndios empoeirados das bibliotecas dos teólogos e a ação pastoral na igreja e a vivência comum do crente com Deus. Não tenhamos o mínimo interesse numa teologia que não promova o ardor por Deus; não tenhamos qualquer interesse por uma teologia que não evangelize e uma fé que não seja missionária.

A verdade precisa ser proclamada, não importa como seja recebida. E deve ser proclamada, antes de tudo, porque é a Verdade de Deus. Proclamar a Palavra glorifica o seu santo Nome. A pregação é sem dúvida um bem eterno. Essa foi a conclusão dos apóstolos quando elegeram “os sete”. O bem que se faz aos homens é passageiro; as verdades que lhes deixamos são eternas.

Uma fé digna de ser crida é também digna de que batalhemos por ela. O melhor método para a erradicação do erro ainda é publicar e praticar a verdade. Precisamos tornar clara nossa posição, com palavras e obras, em favor da verdade e contra as falsas doutrinas. Quase sempre, é no vácuo deixado pela negligência e descaso em proclamarmos “*todo o conselho de Deus*” que proliferam as seitas e heresias. Quando a verdade silencia, as opiniões falsas parecem plausíveis. A verdade amordaçada é



uma contradição e impropriedade, pois a verdade é sempre o argumento mais forte.

“*Sê fiel até à morte.*” Não foi este o lema dos mártires desde Estêvão? “*Senti a necessidade de vos escrever, exortando-vos a pelejar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos*” (Jd 3). No eminente e constante desafio de estar comprometida com a fé que foi entregue aos santos, esta revista se apresenta ao leitor. Fazemo-lo com humildade, reverência e tremor. Mas fazemo-lo varonilmente.

Neste primeiro número trazemos o artigo *O Perfeito Equilíbrio da Verdade de Deus*, onde Geoffrey Thomas, integrante da equipe editorial do *The Banner of Truth Journal* e pastor batista no País de Gales, procura estabelecer um equilíbrio entre algumas verdades que, aparentemente, encontram-se em conflito umas com as outras. Em determinados momentos da história da Igreja, os verdadeiros servos do Senhor tenderam a enfatizar certas doutrinas em detrimento de outras. A geração seguinte reagiu contra essa ênfase da geração precedente, e assim aconteceu o fenômeno que alguns historiadores denominam de “movimento pendular”. O autor é feliz na sua exposição, ao propor um equilíbrio em alguns dos pontos fundamentais da fé e prática cristãs.

*O Supremo Dever do Pastor* é um artigo do Dr. Thomas K. Ascol, pastor batista em Cape Coral, Flórida, e editor do *The Founders Journal*. Qual o supremo dever do pastor? Salientando os diversos aspectos que envolvem o ministério pastoral nos tempos atuais, o autor encontra, no emaranhado de responsabilidades que ao pastor se atribui, o dever de pregar a Palavra de Deus. Seu artigo é muito oportuno, mormente nesses tempos em que vozes e movimentos questionam acerca da relevância da pregação bíblica, nos dias atuais.

A. W. Tozer, pastor de uma igreja da Aliança Cristã e Missionária até seu falecimento na década de 1960, é conhecido como “um profeta da nossa geração”. Seu artigo, *Precisamos Novamente de Homens de Deus*, é uma convocação a agradecer a Deus e ignorar a multidão, numa geração pragmática e materialista. A voz de Deus é a voz de Deus. A voz do povo é a voz do povo. Quão desesperadamente precisamos hoje dessa mensagem. Deus está procurando homens que tenham a coragem de tomar posição e assumir o preço dela, no meio desta geração. Na decadente era pré-diluviana, Ele encontrou Noé. O mundo está necessitando novamente de homens como Noé - “pregoeiro da justiça” - a quem o Senhor disse: “*Tenho visto que és justo diante de mim nesta geração*” (Gn 7.1).

Em *Quanto ao Vir a Cristo*, Ernest Reisinger, veterano pastor batista na Flórida e editor assistente do *The Founders Journal*, analisa os fundamentos histórico-teológicos de uma das práticas mais comuns à

chamada “pregação evangelística” contemporânea: o sistema de apelo. O autor, numa análise acurada, apresenta os perigos e equívocos em torno desta prática (inaugurada por Charles Finney), entre os quais, a freqüente associação e/ou permuta que se faz entre a regeneração operada pelo Espírito Santo e um ato físico exterior. É um artigo que se enseja bastante oportuno. O que temos nesta edição, contudo, é apenas a primeira parte. Aguarde a conclusão no próximo número.

Em *Sansão e a Sedução da Cultura*, Roger Ellsworth nos adverte quanto ao perigo de nos tornarmos enamorados e, deste modo, divididos pela cultura. Ele o faz de maneira bastante ilustrativa, recordando-nos a história de Sansão e seu encanto por Dalila. Ellsworth conclui seu artigo, alertando sobre o dever de permanecermos fiéis e não nos deixarmos seduzir pela cultura que, por Deus, fomos chamados a influenciar.

Dois pequenos artigos complementam o conteúdo deste número. Pequenos, mas nem por isso de menor importância. *Outro Evangelho* é um artigo que se revela bastante atual. Foi extraído dos escritos de A.W. Pink, teólogo reformado falecido em 1952. Trata desse “evangelho” atual cuja maior aspiração é paz, unidade e irmandade. A mensagem desse evangelho objetiva tornar o mundo tão confortável e um *habitat* tão harmonioso, que a ausência de Cristo não será percebida, e a necessidade de Deus não existirá. *As Implicações do Livre-arbítrio*, citado de C. H. Spurgeon, faz breve análise do conceito humanista do livre-arbítrio em contradição com a doutrina bíblica da livre agência do homem. O que pensamos sobre livre-arbítrio? Como isto se relaciona com a vontade soberana e a graça eficaz de Deus? Não estaremos colocando o homem onde Deus deve estar?

Uma de nossas expectativas é que essas leituras estimulem o leitor a batalhar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.



Não é coisa pequena ficar em pé diante de uma congregação e dirigir uma mensagem de salvação ou condenação, como sendo do Deus vivo, no nome do nosso Redentor. Não é coisa fácil falar tão claro, que um ignorante nos possa entender; e tão seriamente que os corações mais desfalecidos nos possam sentir; e tão convincentemente que críticos contraditórios possam ser silenciados.

**Richard Baxter**

# O Perfeito Equilíbrio da Verdade de Deus

Geoffrey Thomas

Recentemente, um amigo visitou uma igreja, onde nos últimos cinco anos, tem acontecido uma obra renovadora do Senhor. Ele descreveu seu fim-de-semana com os membros daquela igreja: “Uma coisa marcante foi isto: sempre que eu passava por um grupo de homens, eles estavam falando acerca das coisas de Deus. Chegou um momento em que eu perguntei qual era o segredo dessa bênção que eles haviam conhecido. Eu tinha para mim mesmo uma resposta, mas queria ouvir o que diriam. Eles deram a resposta correta, ou seja, era uma soberana obra de Deus. Disseram que não fora sempre assim e estavam conscientes de que Deus estava operando no meio deles. Aquilo foi muito encorajador. Não era avivamento, mas, quando imagino o avivamento, essa é uma das coisas que me vem à mente. Foi animador ver o que na realidade estava acontecendo, e aquilo me deu novas esperanças quanto à possibilidade de um avivamento”.

Em cada despertamento existe uma nova fascinação pela Bíblia: “*Então, os que temiam ao SENHOR falavam uns aos outros*” (Mt 3.16). É claro que nos despertamentos, também, os homens acabam se desviando e tornando-se obcecados com detalhes de teologia ou pelas doutrinas que dividem os verdadeiros cristãos. Ainda assim, uma marca de Deus abençoando uma congregação é o desejo de falarem uns aos outros acerca dos diversos, e mesmo aparentemente contraditórios, caminhos de Deus. Gostamos muito de freqüentar igrejas onde as pessoas discutem o ensino da Bíblia demonstrando a mesma prontidão com que outros falam de seus interesses e trabalhos. Compreender a Palavra de Deus é uma de nossas maiores alegrias.

Em cada despertamento  
existe uma nova  
fascinação pela Bíblia.

Uma evidência de maturidade é a compreensão experimental daquelas verdades que parecem estar em conflito com outras, mas que na realidade, são como os braços do Pai envolvendo seus filhos. Ambas

devem ser cridas na medida que permanecem fundamentadas em seu próprio testemunho bíblico independente. Existe uma vasta gama de tais verdades nas Escrituras; destas, seguem agora cinco exemplos.

## **1. A Incapacidade Não Anula a Nossa Responsabilidade**

As Escrituras deixam inequivocamente clara a total incapacidade do homem para transformar seu caráter, por suas próprias forças e vontade, tornando-se deste modo semelhante a Cristo. Isso está além da capacidade do homem. *“Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal”* (Jr 13.23). *“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”*, declarou o Senhor Jesus (Jo 6.44). O ato da verdadeira e simples fé no Senhor é impossível sem o “trazer” e sem a graciosa dádiva do Pai. Jesus novamente nos diz que, a menos que um homem seja nascido de novo, ele não pode ver ou entrar no reino de Deus (Jo 3.3,5).

Todavia, existem mandamentos com os quais Deus confronta cada ser humano. Por exemplo: *“Importa-vos nascer de novo”* (Jo 3.7); *“Deus... notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam”* (At 17.30); e *“amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração”*. Estes são mandamentos sinceros? Com toda a certeza. Todas as criaturas são responsáveis perante o seu Criador. Será que tais mandamentos não pressupõem uma módica porção de capacidade? Não. Não, desde a queda de nosso pai Adão.

**Um dos resultados de pregarmos  
a incapacidade do homem  
é que as pessoas são forçadas  
a pararem de confiar em si mesmas.**

Deus lida com as pessoas de acordo com os padrões de responsabilidade e obrigação, e não de acordo com a medida de capacidade. John Murray afirmou: *“Se a obrigação pressupõe capacidade, todos nós temos de ir até o fim da linha e pregar a total capacidade do homem”*. Por que, então, os mandamentos nos foram dados? Eles são uma revelação da vontade do Deus Todo Poderoso, e também farão que os homens percebam sua total incapacidade. Um dos resultados de pregarmos a incapacidade do homem é que as pessoas são forçadas a pararem de confiar em si mesmas. Isto as obriga a confiar tão somente na graça de Deus. Não é a convicção da incapacidade que mantém os homens afastados

de Cristo; é exatamente o oposto: “Eu não consigo me chegar a Ele, mas preciso me chegar a Ele. Que incapacidade amedrontadora! Que tremenda responsabilidade! Quem me livrará desse dilema? Agradeço a Deus por Cristo Jesus, o Salvador que capacita”.

## **2. A Certeza Não Anula a Nossa Necessidade**

Tudo o que Deus determinou fazer certamente será realizado: “*Desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as cousas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade*” (Is 46.10). O plano de Deus é imutável, porque Ele é fiel e verdadeiro (Jó 23.13-14). O plano de Deus é incondicional, ou seja, sua execução não depende de qualquer ação humana, mas torna-a uma certeza (At 2.23; Ef 2.8). Além disso, o plano de Deus é totalmente abrangente, envolvendo as boas e más ações dos homens (Ef 2.10; At 2.23), os eventos incertos (Gn 50.20), a duração da vida de um homem (Jó 14.5) e o lugar onde ele viverá (At 17.26). O plano de Deus assegura a salvação de um grande número de pecadores favorecidos.

Entretanto, a certeza de que a vontade secreta de Deus está sendo realizada não anula a necessidade do homem obedecer a tudo que Deus ordenou na Bíblia. Quando o Senhor disse a Paulo que tinha muito povo em Corinto, este não ficou sentado numa cadeira em sua varanda, esperando que os coríntios viessem trazer-lhe os seus cartões de decisão. Durante 18 meses, o apóstolo ensinou a Palavra de Deus a todos que em Corinto o ouviam (At 18.11). Ele o fez rogando que crescem, estendendo-lhes sua mão, suplicando-lhes que se arrependessem. Paulo chorou por causa deles; orou e pediu que outros orassem em favor deles. O apóstolo os visitou em particular, debateu com seus oponentes publicamente e pediu desculpas se os havia ofendido por meio de palavras severas. Ele procurou viver uma vida semelhante à de Cristo perante eles, para que, em nada, a mensagem fosse maculada através do pecado. Paulo sabia que o povo escolhido de Deus em Corinto certamente haveria de confessar a Cristo, mas esse conhecimento de forma alguma anulou a necessidade de viver uma vida de temor a Deus, permeada por fervor evangélico.

## **3. O Propósito Limitado Não Anula a Pregação Indiscriminada**

Existe um povo que Deus, o Pai, presenteou a Deus, o Filho (Jo 17.2, etc.). Esse povo possui títulos como “a igreja”, “o povo de Deus”, “os filhos de Deus” ou as “ovelhas” de Jesus. Constantemente, o Novo Testamento nos informa que a morte de Cristo se concentrou na realização

da salvação dessas pessoas: “*Ele salvará o seu povo dos pecados deles*” (Mt 1.21); “*Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela*” (Ef 5.25); “*Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos*” (Jo 11.51-52); “*Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão*” (Jo 10.26-28). O Senhor Jesus Cristo cumpriu o propósito de Deus em salvar todos os que são povo dEle.

Entretanto, para cada pessoa no mundo, sem exceção, o cristão pode dizer com sinceridade: “Eu tenho boas-novas para você. Tenho Cristo crucificado para que você creia nEle. Tenho o Salvador que é profeta, sacerdote e rei para você receber e servir”. O cristão precisa convidar seus ouvintes a crer em sua mensagem, exigir que o façam e até exortá-los, em nome de Cristo, a não continuarem na incredulidade. O cristão faz isso para todas as pessoas sem distinção ou discriminação. Anuncia a todos os homens as palavras de Deus: “*Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro*” (Is 45.22). E, ainda: “*Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?*” (Ez 33.11). O Salvador é apresentado aos homens perdidos como Quem realizou a completa e perfeita redenção, Aquele que sinceramente deseja salvá-los de seus pecados e que não se compraz na morte deles.

#### **4. A Preservação Não Elimina a Perseverança**

Todo verdadeiro cristão experimenta a contínua atividade do Espírito Santo, através da qual a obra da graça divina que começou nele está sendo continuada e será levada à sua plenitude. Essa doutrina é claramente ensinada nas Escrituras (Jo 10.28-29; Rm 11.29; Fp 1.6; 2 Ts 3.3; 2 Tm 1.12; 4.18). Todo o crente é preservado pelo poder de Deus para a salvação (1 Pe 1.5).

Ao mesmo tempo, a Bíblia ensina que cada cristão deve perseverar na sua peregrinação individual. Isso nos protege contra toda idéia ou sugestão de que o cristão está seguro, ou seja, seguro quanto à sua eterna salvação, independentemente da extensão que ele possa cair no pecado e apostatar da fé e da santidade. Enquanto o cristão está sujeito a pecar e, de fato, comete pecados, ele não pode entregar-se ao pecado nem vir a permanecer debaixo do domínio do pecado; ele não pode cometer e tornar-se culpado de certos tipos de infidelidade (por exemplo, o “pecado

para a morte”). Portanto, embora seja preservado, o crente não está seguro totalmente, sem levar em conta sua vida subsequente de pecado e de infidelidade. Ele perseverará em crer em Deus. Isto não significa que ele será salvo à parte de sua perseverança, mas ele continuará labutando rumo a essa finalidade. Sua preservação é inseparável de sua perseverança.

## 5. O Amor Não Anula a Lei

O amor cristão é o maior de todos. Ele é “a marca distintiva da vida cristã” (John Blanchard), “o sinal dos discípulos de Cristo” (Matthew Henry), “a principal afeição da alma” (Matthew Henry), “a rainha de todas as graças cristãs” (Arthur Pink), “o fio prateado que percorre toda a conduta do cristão” (J. C. Ryle). Sem amor, uma igreja não é coisa alguma (1 Co 13). O novo mandamento dado por Cristo ao seu povo é que se amem mutuamente, assim como Ele os amou. Por meio desse sentimento puro e fervoroso, o mundo saberá que somos povo de Deus. O amor é a graça mais semelhante a Deus.

Ainda assim, Paulo disse: “*A lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom*” (Rm 7.12). É claro que tem de ser; ela vem de Deus e demonstra a própria natureza dEle. Paulo declarou: “*Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus*” (Rm 7.22). Ele amava a lei, porque ela demonstra as perfeições dAquele que é santo. O cristão está livre da maldição e da condenação da lei, através da obra salvadora realizada por Cristo. Para o crente, a lei não é mais aquela voz aterrorizante, acusando-o e condenando-o. Cristo apagou a chama do Monte Sinai; o crente está liberto do pecado e da lei. Agora, entretanto, ele se tornou escravo de Jesus Cristo, seu grande Libertador, e cumpre a “lei de Cristo” (Gl 6.2). “*Se me amais, guardarei os meus mandamentos*”, afirmou o Salvador (Jo 14.15). O amor é a motivação íntima do crente; mas a lei de Cristo é sua diretriz. Como alguém já afirmou: “A lei são os olhos do amor. Sem lei, o amor é cego”.

Esses temas gêmeos, o resultado da revelação da soberania de Deus, ensinados tão claramente nas Escrituras, são os elementos que integram a conversa santa e a meditação proveitosa.



## O Supremo Dever do Pastor

Thomas Ascol

*“Se alguém aspira ao episcopado,  
excelente obra almeja” (1Tm 3.1)*

A palavra-chave nesse versículo é “obra”. O ministério pastoral é uma obra árdua. Paulo comparou a vida do pastor à do soldado e à do lavrador. Ele encorajou o jovem Timóteo a participar “dos sofrimentos” no ministério (2 Tm 2.3,6).

No cerne desta obra árdua está a santa tarefa de pregar. D. Martyn Lloyd-Jones afirmou que “a mais urgente necessidade da igreja cristã é a verdadeira pregação”. Seu antecessor, G. Campbell Morgan, também sustentava esse mesmo ponto de vista sobre a pregação, quando a chamou de “a suprema obra do ministro cristão”.

Na introdução de sua clássica obra sobre homilética, *A Treatise on the Preparation and Delivery of Sermons* (Um tratado Acerca do Preparo e Entrega de Sermões), John Broadus argumenta que “a pregação é o grande meio designado para espalharmos as boas-novas de salvação através de Cristo”. Espera-se que um pastor seja muitas coisas. Ele tem de ser um conselheiro para aqueles que necessitam de orientação, um encorajador para aqueles que estão desanimados e um confortador para os que estão angustiados. Precisa ser um administrador da vida e do ministério de uma igreja local e um líder que dirige a igreja nos caminhos adequados. Porém, dentre todas essas e outras responsabilidades, o pastor é, primeiramente (e sobre todas as demais coisas), um pregador.

### Deus teve apenas um Filho e tornou-O um Pregador.

Ao estabelecer tal prioridade no desempenho de seu chamado, o pastor não apenas segue o padrão estabelecido pelos profetas do Antigo Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, mas também o exemplo de nosso Senhor. No início de seu ministério público, Jesus se colocou de pé na sinagoga de Nazaré e anunciou seu propósito, utilizando as palavras do profeta Isaías:



*O Espírito do Senhor está sobre mim,  
pelo que me ungiu para evangelizar os pobres...  
para proclamar libertação aos cativos  
e restauração da vista aos cegos,...  
e apregoar o ano aceitável do Senhor*

(Lc 4.18-19).

## **Ele Foi Ungido Para Pregar**

Com frequência, quando estudamos a vida de Cristo nos evangelhos, permitimos que os milagres destaquem-se à nossa mente. Mesmo sendo tão ressaltados, é preciso lembrar que Jesus fez os milagres em meio a seu ministério de pregar e ensinar. Quando as multidões clamaram por mais milagres, Ele disse aos seus discípulos: “*Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim*” (Mc 1.38). Deus teve apenas um Filho e tornou-O um Pregador.

“*Prega a palavra!*” foi a admoestação do apóstolo a Timóteo. “*Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina*” (2 Tm 4.2). Esse mandamento, por si mesmo, é suficientemente forte para fazer que pastores se apurmem e percebam a grande ênfase colocada na pregação. Paulo, entretanto, continuou escrevendo para fortalecer essa admoestação com um argumento bastante perturbador. O motivo pelo qual os pastores têm de pregar a Palavra é porque “*haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas*” (2 Tm 4.3-4).

A respeito de quem Paulo está falando? Quem são essas pessoas? Ele não estava se referindo a pessoas que se encontravam fora da igreja. Estava falando sobre membros de igreja que ouvem o pregador. A razão pela qual Timóteo precisava pregar a Palavra com autoridade era a inevitável tendência íntima dos homens no sentido de resistirem à sã doutrina. A pregação é o meio ordenado por Deus para combater essa tendência.

Hoje, ouvimos muito a respeito da irrelevância da pregação. O homem moderno (especialmente o que cresceu nas últimas 4 décadas) simplesmente não ficará quieto diante de tais atividades “tradicionalistas” da igreja. O que precisamos fazer, portanto, é dar-lhe o que ele quer: dramatização, dança, multimídia. Todos estes e outros métodos estão sendo trombeados como os novos veículos da proclamação para a igreja de hoje.

Eles nos dizem que a pregação está fora de moda. Esperar que grandes grupos de pessoas se assentem nos bancos da igreja e ouçam um homem falar por meia hora ou mais não é apenas presunçoso, é tolice. Apesar disso, “*aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação*” [a mensagem pregada] (1 Co 1.21).

O que devemos fazer, então? De que maneira o povo de Deus deve reagir à ênfase bíblica na pregação, enquanto vivem em um mundo que, cada dia mais, a despreza? Primeiro, precisamos nos determinar a permitir que nossas convicções sejam moldadas pela imutável Palavra de Deus e não pelas mutáveis tendências da cultura moderna. A pregação precisa se tornar, e permanecer, a prioridade de nossos ministros do evangelho. As igrejas têm de insistir nisso com seus pastores, e os pastores precisam insistir nisso consigo mesmos.

Segundo, é necessário fazer provisão na igreja para manter a pregação como prioridade. Muitas coisas boas competem pela atenção do pastor. Sempre existem necessidades a serem atendidas e ministérios à espera de uma mão disposta a trabalhar. À luz de tanta exigência, os pastores precisam cultivar o mesmo tipo de ousadia humilde e negligência deliberada que demonstraram os apóstolos, quando pastoreavam a igreja em seus primórdios, na cidade de Jerusalém. Confrontados com as importantes necessidades da congregação, aqueles primeiros líderes se recusaram a ficar distraídos de sua principal tarefa: “*Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas*” (At 6.2).

**Precisamos nos determinar a permitir  
que nossas convicções sejam moldadas  
pela imutável Palavra de Deus  
e não pelas mutáveis tendências  
da cultura moderna.**

A situação era séria. Viúvas estavam sendo negligenciadas pela igreja. Contudo, a igreja confiou esse ministério a outros membros cheios do Espírito Santo, para que os apóstolos se consagassem “*à oração e ao ministério da palavra*” (v. 4). Esse tipo de sabedoria prática e disposição de delegar responsabilidades precisa caracterizar a igreja, se tiver de ser mantida a prioridade da pregação.

Os membros e oficiais da igreja deveriam mostrar grande cuidado em insistir que seu pastor mantenha a obra da pregação como a prioridade de seu ministério. John MacArthur salientou esse ponto com grande

eloquência, em um sermão pregado na Conferência de Pastores da Convenção Batista do Sul, em 1990, realizado em Nova Orleans, Louisiana. De que maneira os membros de igreja podem encorajar seu pastor a fazer da pregação a sua prioridade? Aqui estão as sugestões de MacArthur:

Empurrem-no para o seu escritório, tirem da porta a placa “Escritório” e substituam-na por outra que diz: “Sala de Estudo”. Tranquem-no com seus livros, sua máquina de escrever e sua Bíblia. Forcem-no a se ajoelhar diante dos textos, dos corações quebrantados, da inquietação de vidas de um rebanho dado à superficialidade e diante de um Deus Santo.

Obriguem-no a ser o único homem da igreja que conhece o bastante acerca de Deus. Atirem-no para o ringue, a fim de boxear com Deus, até que ele aprenda quão pequenos são os seus braços. Coloquem-no a lutar com Deus por toda a noite, permitindo que saia apenas quando estiver machucado e surrado, a ponto de ser uma bênção.

Fechem a boca desse homem, para que ele não seja continuamente um mero discursador. Impeçam sua língua de tropeçar em coisas não-essenciais. Exijam que tenha algo a dizer, antes de quebrar o silêncio. Queimem seus olhos com estudo cansativo. Desarticulem seu equilíbrio emocional com a preocupação pelas coisas de Deus. Façam-no trocar sua aparência piedosa por uma caminhada humilde com Deus e com os homens. Levem-no a se gastar para a glória de Deus.

Desliguem seu telefone. Destruam suas folhas de avaliação. Coloquem água no seu tanque de gasolina. Dêem-lhe uma Bíblia e amarrem-no ao púlpito. Ponham-no à prova, examinem-no, submetam-no a testes. Humilhem-no por sua ignorância das coisas divinas. Envergonhem-no por causa de sua boa compreensão de assuntos econômicos, de resultados de campeonatos esportivos e de questões sobre partidos políticos. Gracejem de suas frustradas tentativas de “ser um psiquiatra”. Formem um coral, cantorem e assediem-no, noite e dia, dizendo: “Pastor, queremos conhecer Deus”.

Quando, por fim, ele subir ao púlpito, perguntem-lhe se ele tem uma palavra vinda de Deus. Se não, dispensem-no. Digam-lhe que vocês também sabem ler jornal, digerir os comentários da televisão, avaliar os problemas superficiais do dia, lidar com as enfadonhas tendências da comunidade e abençoar o arroz e feijão, melhor do que ele.

E, quando ele proferir a Palavra de Deus, ouçam-no. Quando ele, for inflamado pela flamejante Palavra de Deus, consumido pela ardente graça que o abrasou, quando for privilegiado de haver traduzido a verdade de Deus ao homem e, no seu final, for transferido da terra para o céu, sepultem-no de forma gentil. Toquem a trombeta emudecida. Ponham-no para descansar suavemente, colocando uma espada de dois gumes em seu caixão, e entoem um cântico de triunfo, pois, antes de morrer, ele se tornou um homem de Deus.

A avaliação de John Broadus, feita em 1870, permanece válida para estes anos finais do século XX: “Em cada época do cristianismo, desde que João Batista atraiu multidões para o deserto, não tem havido grandes movimentos religiosos, nenhuma restauração da verdade das Escrituras, nenhuma renovação da piedade genuína, sem um novo poder na pregação, tanto como causa quanto como efeito”.

Se temos esperança de ver genuíno avivamento e reforma, é preciso haver o retorno de poder ao púlpito. A pregação ungida pelo Espírito é a grande necessidade de nossos dias. Estejamos batalhando para restabelecer sua prioridade em nossas igrejas. Oremos por aqueles cuja tarefa é cumprir o santo chamamento de proclamar o evangelho de Jesus Cristo, no poder do Espírito. Que Deus nos conceda um avivamento da verdadeira pregação.



Pregar de forma simples não é pregar rudemente, nem indouta ou confusamente, mas pregar de maneira tão simples e perspicaz que o homem mais simples possa entender o que é ensinado, como se ouvisse ser chamado pelo próprio nome.

**Henry Smith**

Não há sermão que, sendo ouvido, não nos ponha mais perto do céu ou do inferno.

**John Preston**

## Precisamos Novamente de Homens de Deus

A. W. Tozer

A igreja, neste momento, precisa de homens, o tipo certo de homens, homens ousados. Afirma-se que necessitamos de avivamento e de um novo movimento do Espírito; Deus, sabe que precisamos de ambas as coisas. Entretanto, Ele não haverá de avivar ratinhos. Não encherá coelhos com seu Espírito Santo.

A igreja suspira por homens que se consideram sacrificáveis na batalha da alma, homens que não podem ser amedrontados pelas ameaças de morte, porque já morreram para as seduções deste mundo. Tais homens estarão livres das compulsões que controlam os homens mais fracos. Não serão forçados a fazer as coisas pelo constrangimento das circunstâncias; sua única compulsão virá do íntimo e do alto.

Esse tipo de liberdade é necessária, se queremos ter novamente, em nossos púlpitos, pregadores cheios de poder, ao invés de mascotes. Esses homens livres servirão a Deus e à humanidade através de motivações elevadas demais, para serem compreendidas pelo grande número de religiosos que hoje entram e saem do santuário. Esse homens jamais tomarão decisões motivados pelo medo, não seguirão nenhum caminho impulsionados pelo desejo de agradar, não ministrarão por causa de condições financeiras, jamais realizarão qualquer ato religioso por simples costume; nem permitirão a si mesmos serem influenciados pelo amor à publicidade ou pelo desejo por boa reputação.

**A igreja suspira por homens que se consideram  
sacrificáveis na batalha da alma,  
homens que não podem ser amedrontados  
pelas ameaças de morte, porque  
já morreram para as seduções deste mundo.**

Muito do que a igreja faz em nossos dias, ela o faz porque tem medo de não fazê-lo. Associações de pastores atiram-se em projetos motivados apenas pelo temor de não se envolverem em tais projetos.

Sempre que o seu reconhecimento motivado pelo medo (do tipo que observa o que os outros dizem e fazem) os conduz a crer no que o mundo espera que eles façam, eles o farão na próxima segunda-feira pela manhã, com toda a espécie de zelo ostentoso e demonstração de piedade. A influência constrangedora da opinião pública é quem chama esses profetas, não a voz de Jeová.

A verdadeira igreja jamais sondou as expectativas públicas, antes de se atirar em suas iniciativas. Seus líderes ouviram da parte de Deus e avançaram totalmente independentes do apoio popular ou da falta deste apoio. Eles sabiam que era vontade de Deus e o fizeram, e o povo os seguiu (às vezes em triunfo, porém mais freqüentemente com insultos e perseguição pública); e a recompensa de tais líderes foi a satisfação de estarem certos em um mundo errado.

Outra característica do verdadeiro homem de Deus tem sido o amor. O homem livre, que aprendeu a ouvir a voz de Deus e ousou obedecê-la, sentiu o mesmo fardo moral que partiu os corações dos profetas do Antigo Testamento, esmagou a alma de nosso Senhor Jesus Cristo e arrancou abundantes lágrimas dos apóstolos.

O homem livre jamais foi um tirano religioso, nem procurou exercer senhorio sobre a herança pertencente a Deus. O medo e a falta de segurança pessoal têm levado os homens a esmagarem os seus semelhantes debaixo de seus pés. Esse tipo de homem tinha algum interesse a proteger, alguma posição a assegurar; portanto, exigiu submissão de seus seguidores como garantia de sua própria segurança. Mas o homem livre, jamais; ele nada tem a proteger, nenhuma ambição a perseguir, nenhum inimigo a temer. Por esse motivo, ele é alguém completamente descuidado a respeito de seu prestígio entre os homens. Se o seguirem, muito bem; caso não o sigam, ele nada perde que seja querido ao seu coração; mas, quer ele seja aceito, quer seja rejeitado, continuará amando seu povo com sincera devoção. E somente a morte pode silenciar sua terna intercessão por eles.

Sim, se o cristianismo evangélico tem de permanecer vivo, precisa novamente de homens, o tipo certo de homens. Deverá repudiar os fracotes que não ousam falar o que precisa ser externado; precisa buscar, em oração e muita humildade, o surgimento de homens feitos da mesma qualidade dos profetas e dos antigos mártires. Deus ouvirá os clamores de seu povo, assim como Ele ouviu os clamores de Israel no Egito. Haverá de enviar libertação, ao enviar libertadores. É assim que Ele age entre os homens.

E, quando vierem os libertadores... serão homens de Deus, homens

de coragem. Terão Deus ao seu lado, porque serão cuidadosos em permanecer ao lado dEle; serão cooperadores com Cristo e instrumentos nas mãos do Espírito Santo...

## Implicações do Livre-Arbítrio

Charles H. Spurgeon

De acordo com o esquema do livre-arbítrio, o Senhor tem boas intenções, mas precisa aguardar como um servo, a iniciativa de sua criatura, para saber qual é a intenção dela. Deus quer o bem e o faria, mas não pode, por causa de um homem indisposto, o qual não deseja que sejam realizadas as boas coisas de Deus. O que os senhores fazem, senão destronar o Eterno e colocar em seu lugar a criatura caída, o homem? Pois, de acordo com essa teoria, o homem aprova, e o que ele aprova torna-se o seu destino. Tem de existir um destino em algum lugar; ou é Deus ou é o homem quem decide. Se for Deus Quem decide, então Jeová se assenta soberano em seu trono de glória, e todas as hostes Lhe obedecem, e o mundo está seguro. Em caso contrário, os senhores colocam o homem em posição de dizer: “Eu quero” ou “Eu não quero. Se eu quiser, entro no céu; se quiser, desprezarei a graça de Deus. Se quiser, conquistarei o Espírito Santo, pois sou mais forte do que Deus e mais forte que a onipotência. Se eu decidir, tornarei ineficaz o sangue de Cristo, pois sou mais poderoso que o sangue, o sangue do próprio Filho de Deus. Embora Deus estipule seu propósito, me rirei desse propósito; será o meu propósito que fará o dEle realizar-se ou não”. Senhores, se isto não é ateísmo, é idolatria; é colocar o homem onde Deus deveria estar. Eu me retraio, com solene temor e horror, dessa doutrina que faz a maior das obras de Deus — a salvação do homem — depender da vontade da criatura, para que se realize ou não. Posso e hei de me gloriar neste texto da Palavra, em seu mais amplo sentido: *“Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia”* (Rm 9.16).

## Quanto ao Vir a Cristo

— Parte 1 —

**Ernest Reisinger**

*“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Is 55.1-3).*

### **Vir é Comer — Crer é Beber**

*“Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35).*

Um comentário acerca de João 6.35: *“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6.53).*

*“No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7.37).*

O primeiro convite de nosso Senhor encontra-se em Mateus 11.28-30: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”.*

O último convite de Ele encontra-se em Apocalipse 22.17: *“O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida”.*

A expressão “vir a Cristo” é boa, mas está rodeada por muita ignorância e confusão, quando se torna parte de métodos errados de



evangelismo. O que esta expressão significa para os ouvintes? Com certeza, é necessário que pecadores venham a Cristo para serem salvos. Mas, quando um pregador chama os pecadores à frente da igreja, enquanto a congregação cria o ambiente com um “hino de apelo”, é bem provável que a maioria dos ouvintes considerará iguais o “vir a Cristo” e o “vir à frente”.

Se for questionado acerca do “vir à frente”, o pregador dirá que isto não salva. Contudo, ao mesmo tempo, por sua linguagem e métodos, ele está equiparando o “vir à frente” ao “vir a Cristo”, e, portanto, muitas pobres almas são enganadas.

Vir a Cristo é uma expressão boa, uma expressão bíblica. Ela é usada para descrever um ato da alma. Vir a Cristo inclui abandonar toda a auto-justiça e o pecado; envolve receber a justiça de Cristo para ser nossa justiça e o sangue dEle para nossa expiação. Vir a Cristo inclui arrependimento para com Deus e fé no Senhor Jesus Cristo. Vir a Cristo é o primeiro efeito da regeneração.

Quando o pregador diz: “Venha a Cristo”, ao final do culto, para muitos isso significa vir à frente da igreja. O que as crianças pensam quando o pregador diz: “Venha a Cristo” e, ao mesmo tempo, as convida a virem à frente da igreja? Todo verdadeiro pregador e evangelista sabe que o vir à frente de uma igreja não equivale a vir a Cristo. Alguns podem até dizer “vir à frente não salvará você”, mas continuam e “fazem o apelo”, como se os ouvintes achassem que tal apelo equivale a vir a Cristo.

**A expressão “vir a Cristo” é boa,  
mas está rodeada por muita ignorância  
e confusão, quando se torna parte de  
métodos errados de evangelismo.**

Alguns pregadores não se mostram sensatos em seu suposto convite, e o resultado é que muitos dentre o nosso povo, talvez a maioria, considera como iguais o ato físico de ir à frente e o vir a Cristo. Novamente, afirmo que todo verdadeiro pregador está consciente de que não há um único caso na Bíblia, ou sequer uma linha das Escrituras, que dê apoio a essa concepção errada (o igualar o vir a Cristo e o ir à frente, ao final de um culto na igreja). Isto não apenas não se encontra na Bíblia, mas também jamais foi praticado pelo Senhor ou pelos apóstolos. Aliás, jamais foi praticado na igreja até uns 150 ou 200 anos atrás. O famoso avivalista Charles G. Finney introduziu e popularizou o

uso da “sala dos decididos” e do “banco dos ansiosos”. Mas ele jamais considerou iguais o “vir à sala dos decididos” e o “vir a Cristo”.

## O Sistema de Apelo

Por que me preocupo tanto com este assunto? Porque muitos são enganados; e ser enganado acerca da salvação é o pior engano que pode sobrevir a uma pessoa. Muitos pastores estão enganados exatamente neste ponto.

Dois textos bíblicos costumam ser usados para dar sustentação ao sistema de apelo, Marcos 1.17 e Mateus 10.32-33. Observe que eu não disse convite, mas *sistema de apelo*.

Marcos 1.17: “*Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens*”. Os discípulos largaram suas redes e seguiram a Jesus. Ele estava ali fisicamente, e eles O seguiram fisicamente.

Suponha que hoje eu fosse a uma praia repleta de pescadores e dissesse: “Vinde após Jesus, e Ele vos fará pescadores de homens”. Eu estaria querendo dizer que os pescadores deveriam abandonar suas redes, no sentido físico? Ou seguir a Jesus, em termos físicos? Não. Isto seria impossível, porque Jesus já não está aqui fisicamente.

O que significa seguir a Jesus hoje? Seguir a Jesus significa aprender de seus ensinamentos; viver sob a influência desses ensinamentos, aplicando-os ao nosso dia-a-dia.

Nos dias em que Jesus estava aqui, em carne e osso, segui-Lo fisicamente seria possível. Os pescadores O seguiram literalmente. Zaqueu desceu da árvore, de maneira física e literal, e seguiu a Jesus. Mas, mesmo nos dias da presença visível de Jesus, o sentido fundamental das palavras “*Vinde após mim*” e “*Vinde a mim*” era claramente uma identificação de arrependimento e fé. Portanto, Marcos 1.17 não é um texto adequado para dar sustentação a qualquer ato físico ou sistema de apelo.

O segundo texto usado para amparar esse sistema é Mateus 10.32-33: “*Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus*”.

Analisemos com cuidado o que nosso Senhor estava dizendo. Estaria Ele afirmando que pelo ato de confessar, ou por meio de algum ato físico, nos tornamos cristãos? Ou estaria Ele ensinando que uma das

marcas indispensáveis dos verdadeiros cristãos é que estes O *confessam* e *vivem* uma vida que, publicamente, O reconhece? Não deve haver qualquer dúvida quanto à resposta. Confessar a Cristo é um dever espiritual dos cristãos. Confessá-Lo não se refere a como se tornar um cristão.

Nesta passagem, Jesus não estava dizendo aos pecadores como fazerem uma decisão, não estava descrevendo a forma como ocorre o novo nascimento. Estava ensinando que confessá-Lo é um dever espiritual do cristão. Confessar a Cristo é um dever cristão. Quanto a isso, o Novo Testamento é bastante claro. Mas, pergunto eu, como isso era feito? Qual era a confissão pública?

## Mesmo nos dias da presença visível de Jesus, o sentido fundamental das palavras “*Vinde após mim*” e “*Vinde a mim*” era claramente uma identificação de arrependimento e fé.

No livro de Atos (o manual sagrado de evangelismo), encontramos, em sua maior pureza, exemplos dos apóstolos envolvidos no evangelismo. Ao ler o livro de Atos, pergunte-se: “Como as pessoas faziam esta confissão?”. A resposta clara e simples é através do batismo.

### O Que o Vir a Cristo Não Significa

Voltemos à pergunta: o que significa vir a Cristo? O melhor que posso fazer com essa pergunta é, primeiramente, dizer-lhe o que vir a Cristo não significa e, depois, o que está envolvido em vir a Cristo.

Primeiro, o que não significa. Vir a Cristo não é um ato físico evidente. Cristo não está aqui presente de maneira física; portanto, ninguém pode vir a Ele no sentido físico. Ele não está à frente do púlpito, pairando como um fantasma. Ninguém pode vir a Cristo utilizando-se dos pés.

Consideremos um versículo muito surpreendente, um versículo ofensivo à mente natural e confuso para muitos cristãos.

*“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia”* (Jo 6.44).

Alguns descrevem o vir a Cristo como a coisa mais fácil do mundo, e, em certo sentido, isto é verdade — se você vier, será bem-vindo. Mas esse versículo nos mostra que vir a Cristo por vontade própria é impossível. Embora esse texto seja ofensivo à mente carnal, precisamos lembrar

que ofender a mente carnal é, quase sempre, o passo inicial para vir a Cristo, num relacionamento salvífico. Tal pessoa precisa ver sua condição de perda, antes que tenha o desejo de ser salva.

Revisemos uma pequena lição de boa educação. Um velho amigo costumava ensinar seus filhos a dizer: “O senhor permite...?”. Se uma das crianças dissesse: “Posso ir lá fora, para brincar?”, ele responderia: “Não sei; será que você pode?” Ele estava, obviamente, ensinando os filhos a dizer: “O senhor *me permite* ir lá fora para brincar?”

Observe que o versículo afirma: “Ninguém pode”; isto significa que nenhum de nós possui a capacidade. Alguém pode receber permissão para fazer algo, mas, por si mesmo, não é capaz. Esse texto ensina claramente a incapacidade humana; porém, ao mesmo tempo, ensina de maneira cristalina o atrair gracioso do Pai. O texto nos apresenta uma doce consolação — esperança no Pai.

## Onde Está a Incapacidade Humana?

1. Não está em qualquer defeito físico. Não significa que o homem é incapaz de movimentar seu corpo físico, de andar com seus próprios pés. O pecador consegue fazer isso — ele é capaz de caminhar até a frente, na igreja, pois ele tem pernas. Se a questão é proferir algumas palavras numa oração — ele também pode fazer isso. Muitas pessoas não-regeneradas oram. Não há falta de poder físico no vir a Cristo.

2. A incapacidade não está na mente, no intelecto. O não-convertido é capaz de aprender intelectualmente a Bíblia, assim como pode aprender matemática, história, física, música, etc. Sim, ele pode crer que a Bíblia é verdadeira. Há muitos livros verdadeiros que foram escritos por pessoas não-convertidas. É possível alguém crer em cada afirmativa de Cristo, assim como poderia crer em qualquer outra pessoa. Não deveríamos dizer aos homens que eles não podem crer. Isso não é verdade — eles podem crer em cada palavra da Bíblia e ainda estarem “tão perdidos quanto um porco em dia de feijoada”. A incapacidade não está no intelecto ou no corpo.

Então, onde está a incapacidade humana? Ela se encontra arraigada profundamente na natureza do homem. Através da queda e de nosso próprio pecado, a natureza do homem se tornou tão perversa, depravada e corrupta, que é impossível ao homem vir a Cristo sem a poderosa obra de Deus, o Espírito Santo.

Vemos isso no mundo animal. Os animais agem de acordo com sua natureza. As ovelhas não comem lavagem, assim como um porco não se

alimenta de grama. Não há qualquer problema físico — ambos possuem boca, dentes, orelhas e pernas. A razão pela qual a ovelha não come lavagem é sua natureza. A natureza do homem impede-o de vir a Cristo.

Dê uma faca a uma mãe e diga-lhe: “Crave-a em seu bebê”. Se ela for normal, dirá: “Não posso fazer isso, não posso!” Isto significa que ela não possui força física ou capacidade para fazê-lo? Não, de modo nenhum! A natureza da mãe torna aquilo impossível.

Novamente, onde está a incapacidade de alguém vir a Cristo? Na obstinação da vontade humana. Oh! sim, os homens podem ser salvos, se quiserem. Creio que todo pecador que ainda está do lado de fora do inferno pode ser salvo, se quiser. Esta é exatamente a raiz do problema — *se ele quiser*.

B. B. Warfield disse: “Qual a utilidade de argumentar a respeito de quem quiser em um mundo tão repleto de ‘eu não quero’? Estamos pregando e testemunhando a um mundo de ‘eu não quero’ ”.

O versículo mais pessimista da Bíblia é João 5.40: “*Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida*”. Por esse motivo, João 6.44 é o versículo mais otimista da Bíblia. Você sabia que este é um dos mais agradáveis versículos da Palavra de Deus? Não houvesse aquela palavrinha “se” em João 6.44, todas as pessoas iriam para o inferno. Ninguém seria salvo. Abençoado “se”! “Se o Pai” — graças a Deus pelo que Ele faz. O que estou dizendo é que os pecadores precisam de um novo “querer”. Onde o novo querer é outorgado, o desejo e o poder surgem como consequência.

## **O Pai Traz Pecadores a Cristo**

De que maneira o Pai traz pecadores a Cristo? Todos certamente concordarão que a pregação do evangelho é o instrumento de trazer os homens. Mas a pregação sozinha não traz ninguém. A pregação de nosso Senhor, por si mesma, não trouxe nenhum pecador.

3. Vir a Cristo não é alguma experiência mística que não se fundamenta na verdade, uma experiência divorciada da verdade das Escrituras.

4. Vir a Cristo não é meramente um ato da vontade e volição, ou seja, um ato de querer, um ato de escolha. Certamente inclui um exercício da vontade, mas não é semelhante a votar em alguém, ou seja, “eu voto em Jesus”, “eu me decido por Jesus”; amanhã você poderá tomar uma decisão diferente.

Vir a Cristo não é algo físico ou puramente intelectual; vir a Cristo

não é algo místico sem fundamentos na Verdade ou algo meramente volitivo.

“Ótimo, meu caro pregador; você se saiu bem nos dizendo o que vir a Cristo não significa — mas o que significa vir a Cristo?” Esta pergunta será respondida em nosso próximo artigo.

## Outro Evangelho

A. W. Pink

O evangelho de Satanás não é um sistema de princípios revolucionários, nem um programa de anarquia. Não promove conflitos e guerras, mas almeja a paz e unidade. Não procura colocar a mãe contra a filha, nem o pai contra o filho, mas promove um espírito fraterno por meio do qual a raça humana é tida como uma grande “irmandade”. Não procura arrastar o homem natural ao fundo do poço, e sim melhorá-lo e enaltecê-lo. Advoga a educação, o cultivar e o apelar ao que “de melhor existe dentro de nós”. Almeja fazer deste mundo um *habitat* tão confortável e apropriado, que a ausência de Cristo nesse *habitat* não será percebida, e Deus não será necessário. O evangelho de Satanás empenha-se por ocupar o homem com muitas coisas deste mundo, de modo que ele não tem oportunidade ou disposição para pensar no mundo vindouro. Esse evangelho propaga os princípios do auto-sacrifício, caridade e benevolência, ensinando-nos a viver para o bem dos outros e sermos bondosos para com todos. Apela fortemente à mente carnal, tornando-se bastante popular entre as massas, pois ignora os fatos solenes de que o homem, por natureza, é uma criatura caída, alienada da vida de Deus, morta em delitos e pecados, e de que sua única esperança está em nascer de novo.

## Sansão e a Sedução da Cultura

**Roger Ellsworth**

(Autor, Pastor de uma igreja da Convenção Batista do Sul, nos Estados Unidos. Será um dos preletores da XV Conferência Fiel - 1999)

Nossa palavra sedução vem do latim “sudecere”, que literalmente significa “levar para o lado”. Este vocábulo possui uma conotação negativa, ou seja, implica em que alguém é levado para o lado, afastando-se de uma coisa boa e correta para algo vil e inferior. Em outras palavras, não significa apenas ser levado para o lado, mas também “ser desencaminhado”.

Não somos capazes de pensar muito sobre alguém que foi seduzido, sem que Sansão nos venha à mente. Ele foi o grande “seduzido” de todos os tempos. A fim de apreciarmos quão trágica foi a pessoa de Sansão e quão terrível a sua sedução, precisamos começar pensando sobre aquilo do que ele foi afastado.

Sansão foi chamado para ser um especial instrumento de Deus, em um tempo quando todo o povo de Deus fora seduzido pela cultura dos filisteus. Na época dos juízes, a nação de Israel se encontrou oprimida por seus ímpios e cruéis vizinhos, em várias ocasiões. Mas, em cada instância, “os filhos de Israel clamaram ao SENHOR” (Jz 3.9,15; 4.3; 6.6-7; 10.10). Quando chegamos ao período em que os filisteus tinham a supremacia sobre Israel, não lemos nada afirmando que o povo clamou a Deus. R. C. Sproul disse: “De maneira diferente dos outros invasores, os filisteus eram civilizados e não se mostravam terrivelmente opressivos; por conseguinte, Israel relaxou sob o domínio dos filisteus e não invocou o Senhor”.

Este foi o ambiente em que Deus chamou Sansão. O povo de Israel havia se acomodado a uma existência pacífica com os filisteus; e Sansão seria o instrumento de Deus para despertar seu povo e convocá-lo a abandonar sua paixão pela cultura filistéia. Para alcançar este propósito, Deus concedeu ordens ao pai de Sansão, instruindo que seu filho seria um nazireu. O cabelo de Sansão não deveria ser cortado (Jz 13.5). Ele não deveria beber vinho ou comer coisas impuras (Jz 13.7).

Por ter sido dotado com uma força super-humana, Sansão foi, por muito tempo, um poderoso e eficiente instrumento nas mãos de

Deus. Enquanto lemos o relato de sua vida, encontramos este refrão: “O Espírito do SENHOR de tal maneira se apossou dele” (Jz 14.6,19; 15.14). Isto nos mostra onde realmente se encontrava a força de Sansão. Seu cabelo era o símbolo de sua força física e sua consagração a Deus, mas a fonte de sua força era o Espírito de Deus. James B. Jordan afirmou: “Não havia qualquer vínculo mágico entre a força e o cabelo de Sansão, mas havia uma conexão espiritual no fato de que Deus outorga força àqueles que são dedicados a Ele; e, no caso de Sansão, sua cabeça dedicada era o sinal de sua separação para Deus”.

Após ter sido usado por Deus durante diversos anos, de maneira poderosa e admirável, esperaríamos que Sansão se mostrasse invencível. Ele havia contemplado Deus utilizando-o para realizar grandes vitórias e parecia ser tão forte na fé quanto era em sua força física. A última coisa que esperaríamos ouvir era que Sansão brincaria com o perder a força que Deus lhe havia concedido e utilizado.

Então, Dalila apareceu no cenário da história. Muitos pensam que ela era uma filistéia; outros imaginam ter sido uma israelita apóstata. A Bíblia não o diz. Uma coisa é certa: ela era um filistéia em seu coração; e mostrou-se tão identificada com os filisteus, que poderia ser contada com um membro deste povo.

Dalila deve ter sido muitíssimo bela, e os príncipes filisteus sabiam que Sansão possuía uma fraqueza por mulheres bonitas. Portanto, eles a arrolaram em sua causa. Ela deveria, em troca de uma boa quantia de dinheiro, descobrir a fonte da força de Sansão, enquanto os príncipes filisteus estariam escondidos em um quarto. No momento oportuno, eles sairiam e dominariam Sansão. Quando os filhos de Deus aprenderão que sempre existem inimigos escondidos por perto, esperando uma oportunidade de fraqueza, a fim de que entrem em cena e causem destruição?

Três vezes Dalila pediu a Sansão que revelasse a fonte de sua força. Três vezes Sansão deu-lhe uma resposta mentirosa. Três vezes os filisteus vieram para dominá-lo, mas foram vencidos por ele. No entanto, nesses encontros, não há qualquer menção do Espírito vindo poderosamente sobre Sansão. Por causa do louco flerte de Sansão com o pecado, o Senhor já havia se retirado dele.

Finalmente, Dalila importunou Sansão além de sua capacidade de suportar; ele revelou a verdadeira fonte de sua força. Quando ele dormiu, ela cortou suas longas tranças, e os filisteus vieram e o levaram preso.

Essa história parece bastante fantasiosa, para acreditarmos nela?



Por que, após se tornar óbvio o que Dalila pretendia, Sansão continuou até que ela o viu falando a respeito da fonte de sua força? Por que ele correu tão grande risco? Nisto, percebemos novamente a fragilidade da natureza humana. Isto não é verdade apenas no que se refere a Sansão; também é verdade no diz respeito a todos nós. Ficamos enamorados de coisas que sabemos nos destruirão. Diga-me quantas vezes você foi abraçado pelo pecado e se voltava para ele; eu lhe direi por que Sansão permaneceu conversando com Dalila.

Sansão pagou um terrível preço por sua tolice. Os filisteus lhe vazaram os olhos e puseram-no a virar um moinho, no cárcere. Esta foi a maneira dos filisteus mostrarem que seu deus, Dagom — o deus do grão, havia conquistado a vitória sobre o Deus de Israel. De modo semelhante, quando um filho de Deus cai em pecado, o mundo incrédulo está sempre disposto a regozijar-se com malignidade sobre este filho de Deus e atribuir seu pecado a uma inerente deficiência no cristianismo.

A vitória dos filisteus teve pouca duração. Enquanto Sansão trilhava grão, seu cabelo cresceu e, com ele, o arrependimento. Quando os filisteus trouxeram Sansão a um de seus festivais repleto de bebedice, a força de Sansão retornou ao ponto em que ele foi capaz de derrubar as colunas do edifício, matando a si mesmo e os filisteus.

## Fomos chamados a influenciar nossa cultura, para Cristo.

De que maneira Sansão se envolveu neste embaraço? Como ele perdeu sua força? Reputando as coisas como normais? Sim. Não andando em obediência a Deus? Sim. Procurando ver quão perto ele poderia chegar do fogo e não se queimar? Sim. Todas essas coisas e muito mais contribuíram, mas a resposta final é que ele mesmo tornou-se tão enamorado da cultura dos filisteus, que incorporou e expressou através de Dalila que ele estava cego para as outras coisas.

Não sei que epitáfio a família de Sansão escreveu em seu túmulo, após retirarem seu corpo de entre as ruínas do templo dos filisteus. Porém, sei que poderiam ter escrito: “SEDUZIDO PELA CULTURA QUE, POR DEUS, ELE FOI CHAMADO A INFLUENCIAR”.

Sansão é uma figura muito apropriada da igreja contemporânea. À semelhança dele, fomos chamados a influenciar nossa cultura, para Cristo. Fomos chamados para ser o sal que ameniza a degeneração moral do reino dos homens e a luz que mostra o caminho para o reino de Deus.

Atualmente, a cultura que estamos procurando influenciar não é passiva.

Ela tem sua própria doutrina, agenda e pregadores, mostrando-se agressiva e militantemente dedicada em resistir nossa mensagem e pregar a sua.

Muitos de nós fazemos bem, durante certo tempo, em sermos fiéis a Deus, permanecendo contra a agenda deste mundo. Mas o contínuo e sedutor namoro de Dalila começa a minar nossas defesas, e, antes que percebamos o que aconteceu, estamos pensando e conversando de maneira similar a filisteus civilizados, defendendo posturas contrárias à Palavra de Deus.

O poder do cristianismo se encontra na Palavra de Deus, e, quando nos permitimos ser sedutivamente afastados dela, nos achamos, assim como Sansão, roubados de poder e humilhados diante de um mundo escarnecedor. Sansão permanece como um lembrete contínuo de que mesmo o mais forte cairá, se for prostituir-se ao seguir uma cultura pagã. Essa prostituição sempre conduz à falta de poder, à cegueira e à morte. Isto não é a explicação para a cegueira que impede a igreja de ser capaz de discernir entre o verdadeiro e o falso? Isto não explica a morte que impede a igreja de se regozijar na realidade das coisas espirituais?

A figura de Sansão é tão lamentável quanto poderia ser, mas existe também grande consolação nessa história. Em última análise, os filisteus venceram Sansão, não porque eram mais fortes, mas porque ele demonstrou infidelidade. Os cristãos, às vezes, caem na armadilha de pensarem que seu grande inimigo é a cultura ímpia que os assedia. Sem dúvida, a cultura ímpia é um inimigo, mas apenas em sentido secundário. Nosso grande inimigo somos nós mesmos. Se estamos sendo oprimidos hoje, não é porque as crenças e o estilo de vida modernos são mais fortes do que nós, e sim porque temos sido infiéis para com Deus, que nos torna fortes.

Quão profundamente precisamos guardar esta verdade em nossos corações! Nossa vocação é sermos fiéis a Deus! Mas o que dissermos sobre o filho de Deus que já se mostrou infiel para com Ele? O que dissermos sobre o cristão que foi seduzido pelos errôneos dogmas de uma cultura ímpia? Louvado seja Deus, existe outra consolação a recebermos da vida de Sansão! Os cabelos espirituais crescem novamente! O filho de Deus pode ser seduzido pela cultura pagã que o rodeia, mas, por fim, retornará ao Senhor e será renovado. E, assim como Sansão foi vindicado, este filho de Deus também o será. Está chegando o bendito dia em que seremos retirados da cultura que despreza as coisas de Deus e resplandeceremos como as estrelas do firmamento, para sempre. E todo o universo saberá que estávamos certos em andar com Deus.

## A Conferência Fiel - 1998

Franklin Ferreira

Nos últimos dez anos, em países tão diferentes como Estados Unidos, Escócia, Inglaterra, Canadá e Coréia, têm sido realizadas várias conferências enfocando uma sólida teologia bíblica e evangélica (que tem sido chamada de teologia reformada). Neste mesmo período, acompanhando este movimento, no Brasil tem acontecido a *Conferência Fiel para Pastores e Líderes*. Este ano foi realizada a 14ª Conferência, com o tema “A Igreja Atual e a Pregação”, com base no texto de 1 Coríntios 2.2.

Como em outros anos, estiveram presentes cerca de 600 pessoas, de pelo menos sete denominações diferentes, vindos de 20 Estados do Brasil; muitas viajaram mais de 40 horas para chegar em Águas de Lindóia, SP! Muitas estavam ali pela primeira vez, mas existe um impressionante número de irmãos e irmãs que já vêm participando deste encontro há mais de cinco anos. Qual a razão desta resposta? Neste ano, estiveram pregando o Pr. Conrad Mbewe, pastor da Igreja Batista Kabwata, em Lasaka, no Zâmbia (sobre os temas “A Pregação da Cruz” e “A Suficiência das Escrituras”), e o Dr. Michael Horton, presbítero da Christ Reformed Church, em Anaheim, Califórnia, EUA, também professor do Seminário Teológico Westminster (sobre os temas “A Loucura da Mensagem” e “Um Contraste entre a *Teologia da Glória* e a *Teologia da Cruz*”). Em anos anteriores, vieram grandes pregadores como Geoffrey Thomas, John Piper, John MacArthur, Tom Ascol, entre outros. Aqueles que têm vindo para ministrar as Escrituras Sagradas na Conferência demonstram temor a Deus; e isto se reflete em suas mensagens: geralmente pregações expositivas, que colocam diante de nós “todo o conselho de Deus”, com o equilíbrio e a profundidade necessária para satisfazer nossa mente e nosso coração.

A livraria tem sido outro ponto alto da Conferência, com publicações das Editoras Fiel, PES, Vida Nova, Cultura Cristã, Puritanos e outras. E, neste ano, tivemos livros em inglês (de reformadores e puritanos), da Editora Banner of Truth, que se esgotaram rapidamente. Para todo o material em exposição, são oferecidos excelentes descontos!

Somente Deus sabe o impacto que estas Conferências têm causado no ministério de pastores e líderes (e, é claro, suas famílias e igrejas) espalhados pelo Brasil.